

PT quer revanche, diz Vallim

Candidato a vice de Abadia afirma que petistas querem criar “república sindicalista”

Acácio Pinheiro

O lançamento, por Cristovam Buarque, da candidatura de Lula à Presidência em 98 é interpretada por Vanderley Vallim, que foi candidato a vice na chapa de Maria Abadia e que agora apóia Valmir Campelo, como sinal claro de que o PT quer fazer em Brasília a revanche da derrota na eleição presidencial para Fernando Henrique Cardoso, “trazendo para cá todos os ilustres desempregados do partido”.

“Por isso mesmo é mais incompreensível que Maria Abadia se preste ao papel de ampliar o leque de alianças com o PT, fazendo o jogo dos inimigos do Plano Real e de Fernando Henrique Cardoso, todo na campanha de Cristovam Buarque”, afirmou Vallim.

Vallim admite, até, que Cristovam Buarque seja uma pessoa bem intencionada, mas se Lula não teve forças para segurar os radicais do PT, imagine ele, um poeta, que entrou para o partido agora, depois de passar pelo PMDB e pelo PDT”. O candidato a vice de Abadia está convencido de que o PT vai transformar Brasília numa república sindicalista.

“Sou um democrata, respeito o papel dos sindicatos, mas lugar de sindicato não é no Governo. Muito menos na capital da República, num clima de revanche contra o Presidente eleito no primeiro turno”, lembrou. Para Vallim, Brasília não passou, ainda, pela experiência de ser governada por um partido de oposição ao Presidente da República. “O PT vai montar um governo paralelo aqui, e isso vai ser desastroso para a cidade. Falo com a experiência de quem já foi governador e sabe do grau de dependência do GDF, em relação à União”.

Sabotagem — Vallim disse ter ficado preocupado com as declarações do deputado Chico Vigilante, do PT, de que a bancada eleita pelo partido para a Câmara e o Senado garantiriam os recursos de que Brasília necessita, desde que o governador eleito fosse Cristovam. “Primeiro, são menos de 50 deputados e 5 senadores eleitos pelo PT, o que não é garantia de nada — ficam faltando



Para Vallim, Abadia “faz o jogo dos inimigos do real”

centenas de votos na Câmara e dezenas de votos no Senado. Depois, é um sinal de que o PT não tem respeito pela cidade e pelos moradores de Brasília”.

“Será que o PT sabotaria Brasília, se o governador eleito fosse Valmir Campelo? Será que é isso que explica o fato da deputada Maria Laura, do PT, ter desviado recursos do Orçamento para outros estados durante o Governo Roriz?”, pergunta Vallim.

O ex-governador e vice na chapa de Abadia faz as contas e garante que Valmir, sim, seria uma garantia de recursos para Brasília. Além do apoio do Presidente, ele teria um forte apoio na bancada federal, juntando PTB, PFL, PSDB e PP, além de uma parte importante do PMDB para aprovar seus projetos. “Além do que, sozinho, Valmir tem 50% da bancada da Câmara Legislativa”, afirmou.

Vallim considera grave a ameaça velada feita pelo PT de sabotar Brasília se o governador eleito não for Cristovam, “embora o peso da bancada que o Partido dos Trabalhadores elegeu não tenha forças para nada”. E pergunta: “Será que é essa a democracia do PT”. Ele mesmo responde: “O PT quer transformar

Brasília numa república sindicalista, num Governo paralelo para confrontar o Plano Real e o Presidente eleito e para preparar as bases da candidatura de Lula à presidência em 98. Minha experiência, como governador, foi trágica neste aspecto: a CUT e o PT, no final de meu Governo e com objetivos eleitorais, desencadeou uma greve da Polícia Civil onde armas foram usadas e tiros foram dados contra o Palácio do Buriti. Imagine o PT no Governo?”

Sem-Terra — Vallim também comentou a participação do PT e da CUT na invasão de terras rurais em Brazlândia, conforme apurou a Polícia Federal, por membros do Movimento dos Sem-Terra de outros estados, com ameaças de violência. “O PT é incoerente. Acusa injustamente o governador Roriz de ter atraído migração com o programa de assentamentos, quando a realidade mostra que quem morava nos assentamentos é quem morava em mais de 60 favelas que foram erradicadas nos barracos de fundo de quintal, e traz gente de outros estados para fazer um arremedo de reforma agrária pela violência em Brazlândia, ameaçando trazer mais de 60 mil pessoas vindas do Entorno, numa segunda etapa da invasão”, comenta.